

Senescitudes

DR. CEZAR ZILLIG

Mal embarco num biarticulado e uma jovem levanta solícita para me ceder seu lugar. Tem acontecido amiúde, significando que, de fato, estou velho; algo conspícuo, visível a qualquer um, menos para mim. Esqueço esta realidade tão logo me afaste de espelhos; do meu ponto de vista interior eu continuo o mesmo menino, o mesmo jovem que me acostumei a ser. Tanto é assim que, volta e meia, me flagro aprumando para ceder meu lugar para algum idoso, tal o condicionamento de anos e anos cedendo lugar para os mais velhos, conforme a educação recebida em casa.

Um artifício que ajuda a me colocar em meu devido lugar é lembrar o que eu, quando menino, pensava de alguém com 40 anos, por exemplo: velho, velha!

Aliás, já estava no terceiro ano de medicina quando se discutia um relatório de necropsia e eu, com meus 20 anos, ponderava cá com meus botões, que afinal não havia muito do que se admirar do fato de alguém com 54 anos ter morrido.

É bem o que as mocinhas que hoje me cedem o lugar pensam: velho! Velho e com boa margem de segurança, pois 75 anos é um tanto mais que 40 ou 54. Mas, como disse, a gente não se enxerga, embora a senectude esteja literalmente estampada "na cara" do freguês. Felizmente, não se enxerga. Acho que continuarei a me sentir assim, jovem, mesmo aos 90 anos, caso me seja concedida a graça de chegar a essas culminâncias.

É, a natureza, às vezes, é piedosa com os velhinhos. E o interessante é que não se pulou etapa alguma para se chegar aos setenta, digamos; viveu-se cada diazinho, um atrás do outro, um ano atrás do outro, mas mesmo assim a gente meio que se surpreende ao se descobrir septuagenário.

Outra peculiaridade é que, ao passar dos anos, a atração que se sente pelo sexo oposto vai sendo atualizada: para um jovem de 20 anos, uma mulher de 50 é bem "passadinha", está fora de cogitação. No entanto, para um senhor aos setenta, uma cinquentona é um broto muito atraente.

Às vezes, ante mãe e filha, não raro acho a mãe mais interessante que a filha.

O passar dos anos vai deslocando todas as nossas perspectivas relacionadas às pessoas, lugares, objetivos, conceitos, planos, sonhos.

Quando criança, somos os alvos de todas as atenções, estamos na ribalta atuando para o deleite de pais, avós e parentes em geral. No decorrer dos anos vamos sendo deslocados para as bordas do palco; o prosscênio está tomado por jovens, nossos filhos, nossos netos. Na idade avançada a nossa plateia está bem desfalcada; principalmente as primeiras fileiras, onde havia pais, tios e avós, agora estão vazias. Muitos dos velhos amigos, aqueles que torciam por nós, já se recolheram.

Uma inconveniência impensável nos dias de juventude é a progressiva perda de testemunhas, como muito bem dizia um velho tio: uma verdade que experimento agora, não há como dirimir certas dúvidas relativas ao passado; não há mais a quem consultar.

"Com a idade vem a sabedoria. Mas, às vezes, a idade vem sozinha!" Uma grande verdade. Eu até diria que muitas vezes, vezes demais, a idade vem sozinha, tal o número de anciãos demonstrando nada terem aprendido com a vida.

Um amigo, Professor Sanvito, este sim um sábio, costuma dizer que a idade avançada é uma fase da vida de contabilidade negativa; só se registra perdas: perde-se cabelos, dentes, agilidade, força, beleza física etc. E, pior, perde-se boa parte da memória.

Inclusive o nosso entorno se transfigura, mormente nesta época de explosão imobiliária por toda parte. Edifícios novos surgem onde antes eram nossas residências, nossas escolas, nossas vizinhanças. A gente se sente um estranho no próprio torrão natal, perambulando entre uma multidão de jovens desconhecidos, sem topar com um único rosto familiar.

Na idade avançada, enfim, se vê a vida pelo retrovisor: a maior e melhor parte da vida ficaram para trás. **■**

*Vivência de medos não anunciados
no esgotamento de dias quânticos
na culpa misteriosa de ruir
no espaço infinito de existir.
Medos que estão a dois dedos*

(do Editor).